



## **O CORPO FEMININO COMO MORADA DA LOUCURA<sup>1</sup>**

**Larissa Franco Vogt<sup>2</sup>, Douglas Cesar Lucas<sup>3</sup>**

<sup>1</sup> Projeto de pesquisa de mestrado desenvolvido na Unijuí, pelo Programa de Pós Graduação Stricto Sensu em Direito, com financiamento do Programa de Suporte à Pós-Graduação de Instituições Comunitárias de Educação Superior (PROSUC) da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

<sup>2</sup> Mestranda no Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Direito - Curso de Mestrado em Direitos Humanos da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (UNIJUI). Bolsista do Programa de Suporte à Pós-Graduação de Instituições Comunitárias de Educação Superior (PROSUC) da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). ID Lattes: 5979002198626730. ID ORCID: 0009-0006-7943-6406. E-mail: larissa.vogt@sou.unijui.edu.br.

<sup>3</sup> Professor Doutor no Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Direito - Curso de Mestrado em Direitos Humanos da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (UNIJUI). Coordenador da Coleção Direitos Humanos e Democracia. Líder do Grupo de Pesquisa no CNPQ Fundamentação crítica dos direitos humanos. ID Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1332521470619712>. ID ORCID: 0000-0003-3703-3052. E-mail: douglasl@unijui.edu.br.

### **INTRODUÇÃO**

Ao longo da história da sociedade, as mulheres estão em uma posição de prisioneiras do seu próprio corpo, pois, como acreditava-se séculos atrás, o corpo feminino pareceria agir de modo espontâneo, impulsionado por uma bioquímica autônoma, capaz de fabricar um metabolismo atroz. Os discursos médicos, religiosos, jurídicos, patriarcais e morais, com o passar do tempo, foram constituindo o ser feminino, marcando sua presença no mundo por apenas uma única função: procriar (Soares, 2013).

Com isso, busca-se responder o problema da pesquisa sustentado no seguinte questionamento: Como os corpos femininos foram entendidos como morada da loucura? Para isto, tem-se como hipótese inicial que existe um controle social, patriarcal, médico e religioso sobre os corpos, especialmente o das mulheres. A pesquisa tem como objetivo central refletir e discorrer sobre a estigmatização dos corpos femininos ao longo da história e como a loucura foi entendida a partir deste. Para além, a seguinte escrita está de acordo com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) ou Agenda 2030 da ONU, a partir do 5º objetivo: Igualdade de Gênero, cujo objetivo é alcançar a igualdade de gênero e empoderar todas as mulheres e meninas.







reafirma que a sua missão sobre a terra é de dar à luz, procriar, conceber. Recusar essa função seria colocar-se fora da norma, na margem do que se prescreve para elas” (Soares, 2013, p. 248).

“As transgressões das normas, para as mulheres, se constituíram em uma longa duração em traço de loucura, mas não seria a loucura mais uma forma que a linguagem encontrou de descrever o que não cabe na norma?” (Soares, 2013, p. 258). A partir do momento em que a razão foi entendida como de domínio masculino, as mulheres consequentemente foram excluídas. Elas são apenas definidas pelo órgão genital, que não tem utilidade além da procriação. Dessa forma, “o verdadeiro sexo, portanto, é da alçada do masculino, pois o falo é o fundamento e significante geral do poder, símbolo de autoridade, direito e uso da palavra em todo lugar, sobre todos os assuntos, principalmente no que diz respeito às mulheres” (Swain, 2013, p. 224).

Histeria foi o termo utilizado por Hipócrates para descrever uma ampla gama de afecções das mulheres; histeria tem como significado útero, sendo este um organismo vivo, com autonomia e que poderia deslocar-se pelo corpo causando mal-estar físico como dores de cabeça, falta de ar e calores.

O corpo das mulheres sempre foi entendido como um corpo frágil devido ao seu destino biológico e assim, passou a ser estigmatizado, sexualizado e controlado socialmente. Por um longo período histórico foi considerado como um corpo ausente de razão. Atualmente, vivemos momentos de desconstrução do estigma e transformações das representações sobre o feminino e masculino.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Históricas, nervosas, instáveis, malditas. Certos epítetos acompanham a vida de toda mulher, marcada pela contradição de seu ser no imaginário patriarcal: o corpo perturbado pelos hormônios em ebulição, cuja única tranquilidade se encontra na gravidez” (Swain, 2013, p. 229). As mulheres sempre foram rotuladas ao longo dos anos por termos como históricas ou loucas, com o intuito de inferiorizar a condição feminina diante do sexo masculino, o que justifica a dominação sofrida pelas mulheres a partir do sistema patriarcal. Na atualidade, o controle dos corpos femininos ainda persiste na sociedade e pode-se observar a medicina agindo



diante destes corpos a partir de uma série de questões relacionadas à autonomia, direitos reprodutivos, medicalização e padrão de beleza.

Conforme o movimento feminista avança e conquista espaços, a resistência pelo direito das mulheres fica mais forte; diante do atual cenário político que o Brasil vive, onde pensamentos conservadores ganham força e o retrocesso está visível, dissertar sobre gênero, loucura e sexualidade se faz necessário para refletir e compreender a necessidade do feminismo na atualidade, diante da luta por Direitos Humanos.

**Palavras-chave:** Loucura; Corpo; Mulher; Histeria.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA, Maria Raquel; MATOS, Paula Mena; COSTA, Maria Emília. Um olhar sobre o corpo: o corpo ontem e hoje. **Psicologia & Sociedade**, [s.l.], v. 23, n. 1, p. 24-34, 2011. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/s0102-71822011000100004>. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/psoc/a/WstTrSKFNy7tzvSyMpqfWjz/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 04 abr. 2024.

FEDERICI, Silvia. **Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva**. São Paulo: Elefante, 2017.

RAGO, Margareth. Foucault, a histeria e a aranha. In: MUCHAIL, Salma Tannus; FONSECA, Márcio Alves da; VEIGA-NETO, Alfredo (org.). **O mesmo e o Outro: 50 anos de história da loucura**. Belo Horizonte: Autêntica, 2013. p. 235.

ROSÁRIO, Nísia Martins. **Mundo contemporâneo: corpo em metamorfose**. 2006.

SOARES, Carmen Lúcia. Das entranhas do corpo feminino: sangue e loucura. In: MUCHAIL, Salma Tannus; FONSECA, Márcio Alves da; VEIGA-NETO, Alfredo (org.). **O mesmo e o Outro: 50 anos de história da loucura**. Belo Horizonte: Autêntica, 2013. p. 247.

SWAIN, Tania Navarro. Mulheres indômitas e malditas: a loucura da razão. In: MUCHAIL, Salma Tannus; FONSECA, Márcio Alves da; VEIGA-NETO, Alfredo (org.). **O mesmo e o Outro: 50 anos de história da loucura**. Belo Horizonte: Autêntica, 2013. p. 223.

TUCHERMAN, Ieda. **Breve história do corpo e de seus monstros**. 2. ed. Lisboa: Vega, 2004. 199 p.